

Tecnologias Sociais e Práticas Educativas Contextualizadas para a Convivência com o Semiárido: o lugar das mulheres

RESUMO

**Sônia Maria Alves de Oliveira
Reis**

E-mail: sonia_uneb@hotmail.com
Universidade do Estado da Bahia,
Guanambi, Bahia, Brasil

Mayra Soares Silva

E-mail: mayrasoliveira11@gmail.com
Universidade do Estado da Bahia,
Guanambi, Bahia, Brasil

Este texto tem como objetivo apresentar pesquisas sobre tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido, destacando o protagonismo social de mulheres agricultoras. Utiliza-se a pesquisa bibliográfica para conhecer os estudos já realizados sobre o tema. A produção analisada reconhece que as mulheres — por meio da organização, da participação, da resistência e da luta — estão vencendo algumas barreiras, principalmente na agricultura familiar. Enfatiza que o acesso às tecnologias sociais e às práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido contribuem no processo de empoderamento, emancipação e valorização das mulheres agricultoras familiares. Também destaca que a valorização dos direitos das mulheres camponesas e agricultoras, desde as garantias individuais até as coletivas, dá visibilidade ao trabalho que elas realizam. Conclui-se que o semiárido é um lugar de possibilidade, de vida, de saberes e de resistências.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisas. Tecnologias Sociais. Convivência com o semiárido. Mulheres agricultoras.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar pesquisas sobre tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido, destacando o protagonismo social de mulheres agricultoras. Nesse contexto, dialogamos com Barros (2018), Almeida (2016), Araújo (2016), Siqueira (2014), Reis (2014) e outros/as autores/as.

Além disso, o artigo mostra resultados de um estudo que analisa a produção acadêmica brasileira publicada entre os anos de 2010 e 2019, sobre a temática das tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido quando ressaltado o protagonismo social de mulheres agricultoras. Elaborado a partir de dados procedentes de um programa de pesquisa mais amplo, o texto analisa as produções alocadas nos Anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), nos Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero, no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Biblioteca Virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), no Google Acadêmico e na Biblioteca do *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia nos últimos 10 anos. Destacam-se os trabalhos que discorrem sobre mulheres agricultoras, suas práticas educativas e suas tecnologias sociais (SILVA; OLIVEIRA, 2018; DURAND, 2018; CRUZ, 2013 e outros).

A luta das mulheres para garantir seu espaço no mundo do trabalho e a busca incansável por uma sociedade menos desigual é algo que vem sendo construído há anos. Atualmente, os estudos e pesquisas apontam que já podemos ver algumas diferenças e conquistas, como observado em Reis (2014), Marques (2019) e Gonçalves (2019).

Segundo as autoras, as mulheres — por meio da organização, da participação, da resistência e da luta — estão vencendo algumas barreiras, principalmente na agricultura familiar. Antes eram consideradas apenas ajudantes de seus maridos; atualmente, destacam-se tanto no processo produtivo de alimentos quanto em outras atividades que geram renda familiar e desenvolvimento no âmbito econômico e social no campo. A valorização dos direitos das mulheres camponesas e agricultoras, desde as garantias individuais até as coletivas, dá visibilidade ao trabalho que elas realizam. Supomos que o acesso às tecnologias sociais e às práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido contribuem com a emancipação e a valorização das mulheres agricultoras familiares.

Diante desse cenário e de parte significativa da produção acadêmica nacional, apresentamos as seguintes questões: “O que as pesquisas do campo educacional publicadas nos últimos 10 anos têm discutido sobre tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência, principalmente, de mulheres agricultoras com o semiárido? Quais as principais tendências da produção de conhecimento sobre tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido?”. Buscando responder a essas indagações, este texto objetiva identificar e compreender as pesquisas sobre tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido, destacando o protagonismo social de mulheres agricultoras.

NOTAS SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico adotado para a produção e a análise deste artigo, caracterizado como Estado do Conhecimento¹, possibilita que os pesquisadores tenham maior familiarização com o que se tem produzido em relação à temática analisada. Assim, há melhor entendimento no que diz respeito tanto ao conhecimento produzido quanto às lacunas existentes na área. Essa perspectiva permite ao pesquisador sistematizar um determinado campo de conhecimento, além de “identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como campos inexplorados abertos à pesquisa futura.” (HADDAD, 2000, p. 04).

Para a realização deste estudo, utilizamos essa metodologia para sistematizar e discutir a produção de conhecimento sobre tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido, frisando o protagonismo social de mulheres agricultoras. Além disso, observamos os aspectos relevantes das pesquisas, as épocas e os lugares a que se referem, assim como as lacunas, porventura, apresentadas no decorrer dos textos. Para Romanowski e Ens (2006, p. 39), o Estado da Arte aponta “restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação”, e busca “identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.”

Neste caso, uma busca sistemática foi realizada nas bases de dados dos Anais das Reuniões da Anped, nos Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero, no Banco de Teses e Dissertações da Capes, na Biblioteca Virtual do IBICT, no Google Acadêmico e na Biblioteca do *Campus* XII da UNEB. Procuramos trabalhos publicados nos últimos 10 anos (de 2010 a 2019) que discorrem sobre mulheres agricultoras, suas práticas educativas e suas tecnologias sociais. Os descritores utilizados foram: “mulheres agricultoras”, “tecnologias sociais”, “práticas educativas”, “convivência com o semiárido”. Para auxiliar no afunilamento da pesquisa nos bancos de dados, usamos o operador booleano AND, recurso de combinação de termos que indica interseção, isto é, que os resultados devem abranger, simultaneamente, apenas os termos empregados. Feito isso, foram encontrados 118 trabalhos.

Depois de ler todos os títulos e resumos, eliminamos os estudos que tratam de tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido, mas não abordam a participação das mulheres agricultoras. Definidos os critérios de filtro, foram selecionados 25 trabalhos (4 teses, 9 dissertações, 4 monografias, 8 artigos), todos oriundos de instituições públicas, e, a maioria, da região nordeste. No que diz respeito ao quantitativo de publicações por ano nos bancos de dados consultados, especificamente do campo educacional, as pesquisas encontram-se distribuídas conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Produções científicas sobre “Tecnologias sociais, práticas educativas, convivência com o semiárido e mulheres agricultoras”

Banco de Dados	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Total
CAPES	-	-	-	-	1	2	2	1	1	-	7
IBICT	-	1	2	1	1	-	1	-	-	-	6
FAZENDO GÊNERO	-	-	-	3	-	-	-	3	-	-	6
GOOGLE ACADÊMICO	-	1	-	-	-	-	-	-	1	1	3
ANPED	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TCCs UNEB CAMPUS XII	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	3
TOTAL	1	2	3	4	2	2	3	4	3	1	25

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa.

A análise das produções apresentadas no Quadro 1 é importante para identificar o modo como as agricultoras lidam com as tecnologias sociais e as práticas educativas de convivência com o semiárido. A leitura minuciosa de quatro teses e nove dissertações nos possibilitou compará-las e interpretá-las à luz dos objetivos propostos no âmbito deste levantamento. Fizemos tais agrupamentos com o objetivo de estabelecer um quadro comparativo que permitisse identificar pontos tanto de interseção quanto de dispersão na produção acadêmica, evidenciando regularidades e tendências sem, contudo, deixar de atentar para o assimétrico e o peculiar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas seções subsequentes, dividimos nossos achados em três eixos. O primeiro apresenta uma síntese das 25 pesquisas analisadas, o segundo identifica o olhar das pesquisas sobre as mulheres estudadas. O terceiro trata especificamente das tecnologias sociais e das práticas educativas contextualizadas de convivência com o semiárido. Por fim, fizemos alguns apontamentos sobre os resultados encontrados.

Pesquisas sobre tecnologias sociais, práticas educativas, convivência com o semiárido e mulheres agricultoras

Ao fazer um levantamento das pesquisas que tratam das tecnologias sociais e das práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido, observamos que há um diálogo inicial entre as produções acadêmicas sobre a temática e o protagonismo social das mulheres agricultoras. No entanto, precisamos ampliá-lo divulgando as estratégias de luta, as conquistas e os conhecimentos produzidos a partir da convivência e da experiência no coletivo de mulheres camponesas e dos movimentos sociais dos quais elas participam.

Constatamos que: 12 (48%) tratam do empoderamento e do protagonismo social das mulheres camponesas e agricultoras; 9 (36%) analisam práticas educativas e saberes da experiência e da convivência com o semiárido, realizadas por mulheres agricultoras; enquanto 4 (16%) discutem as tecnologias sociais como estratégias de sobrevivência no semiárido. A distribuição regional da produção acadêmica que se refere às tecnologias sociais, às práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido e ao protagonismo social das mulheres agricultoras está concentrada nas regiões Nordeste (40%) e Sul (28%), apresentando menores percentuais nas regiões Sudeste (16%) e Centro-Oeste (16%). Não identificamos nenhuma produção na região Norte. Todos os trabalhos são resultados de pesquisas realizadas em instituições públicas federais e estaduais.

Os estudos sobre o protagonismo social de mulheres agricultoras e sua relação com as tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas de convivência com o semiárido ainda são pouco frequentes. Há, portanto, uma lacuna que aponta para a necessidade de compreender melhor a temática em questão. As discussões realizadas nos simpósios, nos painéis e nas sessões de pôsteres apresentados nos eventos científicos analisados (Anped, Fazendo Gênero, Redor¹) também apontam para uma presença exígua de trabalhos sobre a temática do lugar e da visibilidade da mulher agricultora na sociedade, o que implica um campo de conhecimento a ser desvendado.

As conclusões apresentadas nos textos analisados também evidenciam que as investigações sobre atuação e o protagonismo das mulheres camponesas e agricultoras na sociedade ainda são muito reduzidas. Isso revela um campo de conhecimento que carece de uma interlocução e de maiores investimentos por parte das instituições de Ensino Superior por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Em relação aos pressupostos teóricos e metodológicos utilizados para a discussão de temáticas sobre trajetórias de vida de mulheres agricultoras, notamos, nos trabalhos analisados, que os/as autores/as fazem a interseção entre gênero, classe, raça e geração. Do ponto de vista das metodologias empregadas nas investigações, os textos apresentam como principais orientações metodológicas: a pesquisa de campo empírica, a pesquisa participante, o estudo de caso e a história oral.

Todos os trabalhos analisados utilizaram mais de um instrumento de produção de dados. Identificamos que, em 76% deles, a história de vida se mostrou um instrumento analítico fundamental para visibilizar as experiências concretas

dessas mulheres e, a partir delas, tentar mostrar a relação do universo subjetivo com os fatos sociais.

As narrativas orais e as histórias de vida, as entrevistas semiestruturadas e os grupos focais, a observação participante e o diário de campo, a análise documental e a revisão bibliográfica, as oficinas e rodas de conversa, o círculo epistemológico de cultura, as fotografias e o material impresso que circulava nos encontros promovidos com e/ou pelas mulheres agricultoras possibilitaram aos/às autores/as reconstruir as trajetórias de vida de mulheres agricultoras. Também permitiram apresentar para os/as leitores/as de que modo as práticas educativas são apreendidas por elas e a visão que construíram sobre suas próprias experiências de aprendizagem e de atuação no trabalho, especificamente com a agricultura familiar.

Quem são as mulheres camponesas/agricultoras das/nas pesquisas em educação?

O conjunto das pesquisas apresenta mulheres agricultoras, camponesas e da roça que participam de movimentos e lutam por melhores condições de vida para os povos do campo. Segundo Cruz (2013, p. 1), “as mulheres sempre estiveram presentes em todas as lutas por justiça, desde os tempos mais remotos”, tanto na cidade quanto no campo. Porém, essa participação não se dava de forma direta, as mulheres camponesas e agricultoras não eram protagonistas, ou seja, não estavam à frente desses movimentos, como acontece atualmente. Sobre isso, a pesquisa realizada por Silva e Oliveira (2018) indica que, até o final da década de 1990, havia, no Brasil, uma significativa ausência de visibilidade da discussão sobre mulheres nos variados campos de atuação.

Nos últimos 15 anos, a mobilização das mulheres camponesas em prol da igualdade de gênero tem alcançado destaque. Caracteriza-se pela luta e pela desconstrução de alguns estereótipos que desvalorizam o trabalho feminino, pois seu trabalho é visto, muitas vezes, como ajuda prestada ao esposo e como função considerada exclusivamente feminina, a exemplo do trabalho doméstico. Por essas e outras causas, ao longo dos últimos anos, aconteceram muitos congressos e encontros organizados por mulheres camponesas de vários estados brasileiros que, com muita coragem e garra, vão à luta por seus direitos³.

Silva e Oliveira (2018) explicam que, aos poucos, grupos específicos de mulheres perceberam que seria necessário criar um movimento próprio para ter mais autonomia. Nesse sentido, surgiu o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), consolidado durante a realização do I Congresso Nacional do MMC, de 5 a 8 de março de 2004, em Brasília⁴. O MMC se constitui como um significativo movimento no palco de lutas pelo fim da violência contra a mulher, pela igualdade de gênero, pela agricultura agroecológica, pela produção de alimentos saudáveis, entre outros benefícios que não dizem respeito somente às participantes do movimento, mas aos camponeses e às camponesas de modo geral (SILVA; OLIVEIRA, 2018).

O conjunto das pesquisas analisadas apresenta trajetórias de vida e de formação de mulheres agricultoras, mulheres dirigentes sindicais e associações de trabalhadores/as rurais e agricultores/as, mulheres quilombolas, mulheres

artesãs, mulheres líderes comunitárias, mulheres assentadas, mulheres do MMC etc. Pinheiro e Schwengber (2017), ao descrever a experiência e as trajetórias de mulheres de assentamentos rurais por meio das postagens feitas por elas na rede social virtual *Facebook*, constatam que uma das principais memórias publicadas diz respeito ao trabalho que realizam na agricultura. Nas postagens, elas dão visibilidade ao que produzem e criam no dia a dia.

Siqueira (2014) ressalta o protagonismo social das mulheres, os saberes da experiência vivenciados por elas e transmitidos aos membros da comunidade onde residem e aos familiares. Destaca também o empoderamento delas ao se apropriarem de tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas de convivência com o semiárido.

As mulheres camponesas/agricultoras das/nas pesquisas em educação analisadas neste texto participam de formações na área produtiva (agroecológica) e organizativa (associativismo), desenvolvidas por instâncias formativas (como MMC, sindicatos, associações, igrejas, Estado e universidades). Os resultados das pesquisas apontam que esse processo contribuiu para a melhoria das condições socioeconômicas das comunidades rurais pobres por meio de um desenvolvimento social e econômico ambientalmente sustentável, com equidade de gênero, tendo como diretrizes estratégicas o empoderamento e a participação das comunidades rurais no desenvolvimento local, produtivo e de mercado, com enfoque na cadeia produtiva e no uso sustentável dos recursos naturais do semiárido⁵. Augusto (2011) relata que as lideranças camponesas — ao narrarem sobre seus itinerários de vida, trabalho, formação, militância — reconhecem o MMC e os movimentos sociais como espaços formativos e suportes com os quais elas puderam contar.

As mulheres camponesas/agricultoras das/nas pesquisas em educação são lideranças pouco escolarizadas ou não escolarizadas, que produzem um saber prático, válido e útil à vida. (AUGUSTO, 2011; REIS, 2014). Suas trajetórias políticas, que se iniciam na atuação em atividades comunitárias ou escolares e no ideário da Teologia da Libertação, ganharam visibilidade no novo sindicalismo da década de 1980 e, mais recentemente, vêm se expressando em novas formas de luta pela terra e pela defesa de princípios ecológicos⁶.

Quando se autodenominam como lavradoras, geraizeiras, Sem-Terra, habitantes de territórios de reforma agrária, agricultoras familiares, guardiãs do cerrado, guardiãs de sementes crioulas, camponesas, conhecedoras populares, sindicalistas e ambientalistas, elas indicam o entrecruzamento de identidades, papéis sociais e práticas políticas. Esses aspectos marcam as histórias pessoais e as transformações coletivas – econômicas, políticas e culturais –, produzindo um patrimônio de experiências, valores e saberes ecossociais, que vão se formando, transformando-se e se incorporando às trajetórias pessoais e coletivas a cada geração de lideranças, no conjunto das lutas sociais (AUGUSTO, 2011).

As mulheres camponesas/agricultoras das/nas pesquisas em educação valorizam as políticas públicas para a agricultura familiar, visualizam-na como uma nova alternativa de renda para a comunidade. As pesquisas evidenciam a importância da autonomia e da valorização das mulheres enquanto sujeitas de sua própria história e agentes fundamentais de transformação.

O conjunto dos estudos sinalizou ainda que a valorização das mulheres rurais, nessas novas políticas públicas, contribui para a criação de espaços de participação e reconhecimento, gerando uma maior visibilidade das/nas questões que

envolvem não só a produção, mas também a participação em reuniões de organização, comercialização de produtos, o que favorece tanto a geração de renda na unidade familiar quanto a autonomia dessas mulheres rurais. No entanto, vale destacar que essas iniciativas e políticas públicas carecem de mais investimentos e ampliação, principalmente com a interface com gênero para o cenário da agricultura familiar.

TECNOLOGIAS SOCIAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS CONTEXTUALIZADAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

As pesquisas de Siqueira (2014), Souza (2015), Almeida (2016) e Mesquita (2013) revelam que o empoderamento e o protagonismo social das mulheres agricultoras familiares ocorreram por meio da participação em atividades de produção agrícola e não agrícola e nas organizações comunitárias, em espaços domésticos e públicos. Segundo as autoras, a formação na área produtiva (agroecológica) e organizativa (associativismo) a que as mulheres tiveram acesso nos últimos 10 anos contribuiu para a autonomia e o empoderamento delas nas associações e nas comunidades onde residem e atuam como lideranças. A experiência de participação e o exercício em cargos e funções de direção, administração e gestão de recursos por essas mulheres agricultoras como executoras de projetos governamentais e não governamentais proporcionaram a elas o deslanchar desse empoderamento pessoal, social e político.

Almeida (2016) descreve que o desenvolvimento social e local da cidade de Pintadas/BA se deu por meio do diálogo e da articulação em rede, fruto da organização das mulheres que participaram, em períodos diferentes, de espaços efetivos de poder, ocupando cargos políticos, gerenciamento de ONGs, mobilização e fomento de grupos de jovens, de mulheres, entre outros. Relata que não foi fácil a luta dessas mulheres no que se refere à construção de autonomia, tanto nos grupos nos quais atuavam quanto em suas vidas particulares e no âmbito das relações familiares.

A autora enfatiza que a emancipação e o empoderamento das mulheres, enquanto pessoas políticas comprometidas com a transformação social, exigiram o rompimento com preconceitos e paradigmas que tentam desqualificar e fragilizar a força da mulher apenas por ser do sexo feminino. Mas as mulheres de Pintadas não fogem à luta, ao contrário, organizam-se socialmente, traçam um perfil estratégico de emancipação das mulheres e conquista de direitos e de autonomia e rompem um ciclo de opressão e coisificação nos espaços em que atuam (ALMEIDA, 2016).

As políticas públicas e as práticas educativas emancipatórias destinadas às mulheres agricultoras familiares e camponesas dentro de suas organizações e fora delas buscam o acesso a direitos civis, especialmente nos aspectos de trabalho e educação. Também se voltam à formação do movimento de mulheres e a sua participação na construção de políticas públicas com recorte de gênero (KANAAN, 2015).

O Programa Aquisição de Alimentos (PAA)⁷ é uma possibilidade de promover o acesso à alimentação, incentivar a agricultura familiar e a participação das agricultoras neste programa, favorecer a inserção e a autonomia econômica das

mulheres rurais marcada pela pobreza e pela invisibilidade de suas atividades produtivas, nas quais significativa parcela de seu tempo de trabalho é considerada trabalho doméstico, ou apenas uma ajuda ao trabalho do homem (ANDRADE, 2014; SILVA, 2017). Além disso, as autoras ressaltam que muitas mulheres não possuíam nenhum controle ou mesmo acesso aos recursos financeiros, oriundos da comercialização de seus produtos. Assim sendo, elas reconhecem a importância da participação das mulheres rurais no PAA e sua relação com os movimentos sociais no campo.

Destacamos uma prática educativa relevante do Programa de Sementes Crioulas, uma experiência desenvolvida pelo MMC de Santa Catarina (SC) e estudada por Cinelli (2012). Outra experiência foi realizada pelo MMC do município de Pindaí, na Bahia, e estudada por Silva (2012). As duas pesquisas destacam as significativas ações desenvolvidas no programa, como a construção de novas práticas de cultivo e conservação das sementes crioulas e a compreensão dos desdobramentos do programa nos modos de vida camponesa, na perspectiva de mostrar os efeitos produzidos na vida das mulheres camponesas organizadas (CINELLI, 2012; SILVA, 2012). Em ambas as pesquisas, os autores revelam que o programa traz consigo a valorização e o reconhecimento do trabalho das mulheres camponesas. Evidenciam que as mulheres, ao desenvolverem práticas agroecológicas, juntamente com as atividades de militância, constroem suas identidades camponesas e feministas, pois citam o sair de casa como a principal conquista do MMC; nesse sentido, pode-se afirmar que constroem autonomia na experiência vivida.

As reflexões apresentadas em estudos como os de Souza (2015), Cinelli (2016), Collet (2017) e Barros (2018) descrevem trajetórias de vida e práticas educativas de mulheres agricultoras, camponesas e assentadas. Destacam a articulação entre os saberes da experiência, as práticas de diálogo e os conhecimentos produzidos ao longo da vida no que se refere à resistência e ao enfrentamento na luta diária pela libertação e emancipação das mulheres.

Segundo Souza (2015), as práticas educativas e o conhecimento das mulheres camponesas centram-se na ecologia humana, nos conhecimentos socioambientais, na luta contra a desertificação em decorrência do desenvolvimento da agroindústria e de mineradoras internacionais no município de Paracatu/MG e adjacências. A autora afirma que as mulheres do assentamento *Herbert de Souza*, ao lado de seus companheiros, são protagonistas dos processos de resistência e mudança.

O estudo de Cinelli (2016) revela que as mulheres camponesas constroem alternativas para sair de uma situação de exploração capitalista, consolidada no campo por meio do agronegócio, e, ao fazer isso, também buscam sair da opressão causada pelo sistema patriarcal, revelada nas relações de gênero desiguais. Assim, as camponesas partem para uma reflexão pessoal e coletiva sobre a necessidade de construir formas de autonomia e libertação, assumindo-se como protagonistas de uma história de luta, organização e formação, mediante o feminismo camponês e popular⁸.

Sobre as práticas de produção agroecológica e o diálogo de saberes em defesa da vida no MMC, Barros (2018) apresenta a experiência dos quintais agroecológicos⁹ e a busca das mulheres camponesas pela libertação e a superação de todas as formas de opressão e discriminação, a partir da valorização do trabalho

e de seus conhecimentos em defesa da vida. A pesquisa aponta a experiência de fortalecimento dos quintais como uma resistência ao patriarcado, à lógica do capital no campo e à ideia de ciência única, que possibilita diálogo e debate epistemológicos entre diferentes formas de conhecimento.

Nessa direção, Collet (2017) apresenta práticas educativas do MMC a partir de um diálogo entre mulheres e crianças cujo objetivo é potencializar os processos formativos do movimento à luz de uma maior participação efetiva das crianças em suas ações. A autora observa que as crianças, com seu imaginário e suas representações, demonstraram conhecer os meandros político-pedagógicos das práticas educativas e o desejo de participar de um projeto popular igualitário em um ambiente político-social de militância. Destaca que, com garra e consciência política, as mulheres, as crianças e suas famílias se esforçam para construir, dentro desse movimento popular, um projeto anticapitalista e antipatriarcal no campo.

Araújo (2016) descreve a implantação de tecnologias sociais¹⁰ de captação e armazenamento de águas pluviais e suas implicações na construção de novos olhares sobre o semiárido. Segundo o autor, elas se realizam por meio de eventos formativos que ocorrem em processos de implantação do Programa *Um Milhão de Cisternas* (P1MC), do Programa *Uma Terra Duas Águas* (P1+2) e do Programa *Cisternas na Escola* (PCE), realizados por organizações sociais que integram o fórum da Articulação com o Semiárido (ASA)¹¹. Segundo Araújo (2016), as práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido ganham força ao: dialogar com a diversidade ambiental e cultural dos territórios; promover dinâmicas de sistematização de experiências, proporcionando a apropriação das boas práticas de convivência com o semiárido por quem as vivencia; investir em eventos com práticas dialógicas, a exemplo das visitas de intercâmbio de experiências; possibilitar a entrada de tecnologias sociais no território enquanto territorialidades emancipatórias, em vista do fortalecimento de dinâmicas organizativas e de articulação em rede.

Durand (2018) ressalta o papel e a importância das mulheres na agricultura familiar e na convivência com o semiárido, especificamente no que se refere à gestão da água, à produção para o autoconsumo e ao empoderamento feminino. Segundo a autora, as mulheres aprenderam a lidar com a escassez de água; então, sabem usar bem a água das cisternas de consumo (P1MC) para beber, cozinhar, lavar louça e realizar outras atividades domésticas. Aproveitam bem a água das cisternas de produção (P1+2) para a plantação em seus quintais agroecológicos e a criação de pequenos animais. Com o uso consciente da água, as mulheres têm garantido a produção de alimentos para autoconsumo. Além disso, os alimentos produzidos simbolizam os encontros familiares, proporcionando momentos de sociabilidade e construção de identidade das famílias das agricultoras. Quanto às relações no trabalho, as mulheres têm demonstrado empoderamento nos processos decisórios em casa e nos espaços dos quais participam.

De modo geral, as pesquisas abordam a inclusão das mulheres camponesas na produção e no desenvolvimento socioambiental. Destacam o papel coletivo que elas desempenham na luta, no enfrentamento e na compreensão das estruturas sociais de opressão e de poder e os modos como têm sido questionadas. Segundo os resultados das investigações aqui analisadas, o empoderamento e as trajetórias de vida, de formação e de trabalho são vistos como algo conquistado coletivamente, mas que tem um significado individual para as mulheres agricultoras e camponesas.

Os estudos apresentam também os desafios e as conquistas da participação das mulheres agricultoras e camponesas no PAA, a experiência com as redes sociais, a (in)visibilidade, principalmente, na agricultura, a (des)valorização do trabalho feminino e o acesso às novas políticas públicas para a agricultura familiar como uma nova alternativa de renda e de autonomia econômica. Reconhecem a necessidade de ampliar os investimentos na agricultura familiar contemplando a interface de gênero.

APONTAMENTOS FINAIS

Este estudo objetivou identificar o que as pesquisas do campo educacional têm discutido sobre tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido, principalmente de mulheres agricultoras/camponesas. Os trabalhos reunidos neste levantamento são unânimes em considerar a importância do empoderamento das mulheres camponesas ao se apropriarem de tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas de convivência com o semiárido. Concebem que os processos formativos na área produtiva (agroecológica) e organizativa (associativismo) desenvolvidos por instâncias formativas (MMC, sindicatos, associações, igrejas, Estado, universidades e outras) contribuíram para a melhoria do desenvolvimento social e econômico ambientalmente sustentável, com equidade de gênero, tendo como diretrizes estratégicas o empoderamento e a participação das mulheres no desenvolvimento local, produtivo e de mercado, com enfoque na cadeia produtiva e no uso sustentável dos recursos naturais do semiárido.

Os resultados obtidos com as pesquisas indicam também que as mulheres camponesas e agricultoras, por meio da participação no MMC e nos movimentos sociais se empoderaram a nível individual e organizacional e passaram a ter uma perspectiva feminista. Enfatizam os limites e as possibilidades ao acesso das mulheres às políticas públicas, considerando-as protagonistas diante das atividades produtivas que envolvem o cenário da agricultura familiar e camponesa na região semiárida do Brasil.

Este estudo permitiu uma maior compreensão acerca das questões de gênero, das práticas educativas e das tecnologias sociais utilizadas por mulheres camponesas que vivem na região semiárida da Bahia. Ficou perceptível que as práticas educativas são suportes e instrumentos de emancipação e politização dos indivíduos. Percebemos que, com o uso das tecnologias sociais, é possível, de forma descentralizada, com baixo custo, garantir direitos essenciais, como o acesso à água para o consumo humano. Além disso, elas estimulam a criatividade de agricultoras e agricultores, além de fortalecer nas famílias o sentimento de pertencimento a seu lugar. Por fim, reconhecemos o semiárido como espaço de possibilidade, de vida, de saberes e de resistências. Para isso, é preciso existir vontade individual, coletiva e política.

Studies and Research on Social Technologies and Contextualized Educational Practices for Living With The Semi-Arid: The Place of Women

ABSTRACT

This text aims to present studies and research on social technologies and contextualized educational practices for living with the semi-arid region, highlighting the social role of women farmers. Bibliographic research was used. The analyzed production (i) recognizes that women, through organization, participation, resistance and struggle are overcoming some barriers, mainly in family farming; (ii) emphasizes that access to social technologies and contextualized educational practices for living with the semi-arid contribute to the process of empowerment, emancipation and valorization of women family farmers; (iii) highlights that enhancing the rights of peasant and agricultural women, from individual to collective guarantees, give visibility to the work they do; (iv) showed the semi-arid as a place of possibility, life, knowledge and resistance.

KEYWORDS: Studies and Research. Social Technologies. Living with semi-arid. Women farmers.

Estudios e Investigación en Tecnologías Sociales y Prácticas Educativas Contextualizadas para Vivir con el Semiárido: el Lugar de las Mujeres

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo presentar estudios e investigaciones sobre tecnologías sociales y prácticas educativas contextualizadas para convivir con la región semiárida, destacando el rol social de las mujeres agricultoras. Se utilizó la investigación bibliográfica. La producción analizada (i) reconoce que las mujeres a través de la organización, la participación, la resistencia y la lucha están superando algunas barreras, principalmente en la agricultura familiar; (ii) enfatiza que el acceso a tecnologías sociales y prácticas educativas contextualizadas para vivir con el semiárido contribuyen al proceso de empoderamiento, emancipación y valorización de las mujeres agricultoras familiares; (iii) destaca que el fortalecimiento de los derechos de las mujeres campesinas y agrícolas, desde las garantías individuales hasta las colectivas, dan visibilidad al trabajo que realizan; (iv) mostró el semiárido como un lugar de posibilidad, vida, conocimiento y resistencia.

PALABRAS CLAVE: Estudios e Investigaciones. Tecnologías sociales. Viviendo con semiárido. Mujeres agricultoras.

NOTAS

1 As pesquisas denominadas, em geral, de “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento” são caracterizadas por se tratar “de um instrumento que busca a compreensão do conhecimento sobre determinado tema, em um período de tempo específico e conseqüentemente, sua sistematização e análise.” (TEIXEIRA, 2006, p. 60).

2 Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (Redor).

3 Um dos eventos mais importantes é a Marcha das Margaridas, realizada desde 2000 por mulheres trabalhadoras rurais do Brasil. É a maior mobilização de mulheres da América Latina. Reunidas em Brasília para romper com todas as formas de discriminação e violência contra mulheres, participam do evento trabalhadoras rurais, extrativistas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, entre outras. Para saber mais, acesse o *site* <https://forumdemulheres.com/a-marcha-das-margaridas/>.

4 Para conhecer mais sobre história, missão, organização, lutas, publicações e ações do MMC, ver o *site* <http://www.mmcbrazil.com.br/site/>.

5 Para aprofundar a discussão, ver os estudos de Silva (2012), Siqueira (2014) e Silva e Oliveira (2018).

6 Sobre a importância do papel da mulher agricultora familiar na preservação da paisagem rural, entendida como patrimônio material, ver Cambruzzi (2013).

7 O PAA foi criado em 2003 como uma das principais ações estruturantes do Programa *Fome Zero*, lançado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), constituindo-se em um mecanismo complementar ao Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar (Pronaf). Para saber mais sobre a participação e o lugar das mulheres rurais no PAA, ver Silva (2017).

8 Sobre trajetórias, autonomia e valorização do trabalho feminino no contexto da agricultura familiar, analisados a partir da interface *gênero e agroecologia*, ver Andrade (2014).

9 Os quintais produtivos agroecológicos são práticas de produção diversificada e articulada ao projeto de agricultura camponesa. Concretizam-se em um pedaço de terra, normalmente próximo à casa, coordenado pela mulher, e congregam horta, horto medicinal, jardins, estrutura para criação e reprodução de animais de pequeno porte, cisterna para captação de água da chuva, etc. Para saber mais sobre a temática, ver Barros (2018).

10 Para saber mais sobre o conceito, a caracterização e as contribuições de tecnologias sociais usadas para o enfrentamento às mudanças climáticas no semiárido, ver Araújo (2016) e Ventura, Fernández e Andrade (2013).

11 A ASA é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive mediante políticas públicas, o projeto político da convivência com o semiárido. Para saber mais sobre as tecnologias sociais, como estratégia de armazenamento de água no semiárido para suprir as necessidades de consumo e de produção, ver Araújo (2016) e acessar o *site*: <https://www.asabrazil.org.br>.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cleidenea Bastos de. **Mulheres que Tecem os Fios do Desenvolvimento Social de Pintadas-BA**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- ANDRADE, Érica Ramos. "**Mulher roceira**": a alimentação das famílias agricultoras segundo o trabalho das mulheres. 2014. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.
- ARAÚJO, Irenaldo Pereira de. **Tecnologias Sociais e Práticas Educativas Contextualizadas para a Convivência com o Semiárido**: partilhando saberes e construindo novos olhares em territórios camponeses. 2016. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- AUGUSTO, Rosely Carlos. **Aprender na prática**: narrativas e histórias de lideranças camponesas, no sertão, norte de Minas, nas últimas três décadas. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- BARROS, Eliane Aparecida de Almeida. **Mulheres camponesas e seus quintais agroecológicos**: diálogo de saberes. 2018. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- CAMBRUZZI, Claudia. O papel da mulher agricultora familiar na preservação da paisagem rural. *In*: FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372968105_ARQUIVO_ARTIGODECLAUDIACAMBRUZZIELINDARUBIM.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.
- CINELLI, Catiane. **A Experiência das e Vivida pelas Mulheres Camponesas**: resistência e enfrentamento na luta diária pela libertação. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- CINELLI, Catiane. **Programa de sementes crioulas de hortaliças**: experiência e identidades no movimento de mulheres camponesas. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2012.
- COLLET, Zenaide. **As práticas educativas do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) em debate**: um diálogo entre as mulheres e as crianças. 2017. (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2017.
- CRUZ, Teresa Almeida. A Caminhada de Organização do Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil na Luta em Defesa da Vida. *In*: FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373238894_ARQUIVO_TextocompletoFG10.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

DURAND, Valmiza da Costa Rodrigues. **As mulheres na agricultura familiar e a convivência com o semiárido no assentamento Angélica em Aparecida – PB.** 2018. Artigo (Mestrado Profissional em Sistemas Agroindustriais) – Universidade Federal de Campina Grande, Pombal, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/4207>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GONÇALVES, Luma da Silva; REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. Práticas Educativas de Mulheres Camponesas: o que revelam as pesquisas? *In*: SEMINÁRIO GEPRÁXIS, 7., 2019. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESB, 2019. p. 6255-6272. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/9226/9032>. Acesso em: 06 jun. 2020.

HADDAD, Sérgio. **O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil:** a produção discente da pós-graduação em educação no período 1986-1998. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

KANAAN, Hanen Sarkis. **“Quando eu Saí de Casa”** – Inventário das Políticas Públicas e Práticas Educativas Emancipatórias do Programa Mulheres Mil. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2015.

MARQUES, Tatyane Gomes. **Um Pé na Roça - Outro na Universidade:** Experiências de Acesso e Permanência de Jovens Mulheres da Roça na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires de. **O papel das mulheres na agricultura familiar:** a comunidade rancharia, Campo Alegre de Goiás. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

PINHEIRO, Naira Leticia Giongo Mendes; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. A experiência de mulheres rurais no Facebook: memórias do seu trabalho na agricultura. *In*: FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: http://www.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499298215_ARQUIVO_FAZENDOGENERO2017-1.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. **Mulheres camponesas e culturas do escrito:** trajetórias de lideranças comunitárias construídas nas CEBs. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Revista Diálogo Educação**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SILVA, Gleiciara Ferreira; OLIVEIRA, Janete Silva Brito. **Trajetórias de vida, atuação comunitária e práticas educativas de mulheres camponesas de Caculé – Bahia.** 2018. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, 2018.

SILVA, Jarbas Vieira da. **De olhos abertos lhe direi**: as contribuições do projeto de sementes crioulas desenvolvido pelo Movimento de Mulheres Camponesas no município de Pindaí-BA. 2012. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, 2012.

SILVA, Jéssica Sbroglia da. A participação das mulheres rurais no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e sua relação com os movimentos sociais no campo. *In*: FAZENDO GÊNERO, 11, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498855750_ARQUIVO_TrabalhocompletoMM_FG-JessicaSbroglia.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

SIQUEIRA, Ana Elizabeth Souza Silveira de. **Empoderamento de Mulheres Agricultoras**: possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido baiano. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SOUZA, Eleusa Spagnolo. **As vozes das mulheres trabalhadoras rurais no assentamento Herbert de Souza município de Paracatu/MG**: aprendendo com as mulheres do campo. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília- DF, 2015.

TEIXEIRA, Célia Regina. O “estado da arte”: a concepção de avaliação educacional veiculada na produção acadêmica do programa de pós-graduação em educação: currículo (1975- 2000). **Cadernos de Pós-Graduação: educação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/1845/1444>. Acesso em: 10 set. 2020

VENTURA, Andréa Cardoso; FERNÁNDEZ, Luz; ANDRADE, José Célio Silveira. Tecnologias Sociais para Enfrentamento às Mudanças Climáticas no Semiárido: Caracterização e Contribuições. **Rev. Econ. NE**, Fortaleza, v. 44, n. especial, p. 213-238, jun. 2013. Disponível em: <https://ren.emnuvens.com.br/ren/article/view/29>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Recebido: 27/09/2020.

Aprovado: 03/04/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v15n45.13241

Como citar: REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira; SILVA, Mayra Soares. Tecnologias sociais e práticas educativas contextualizadas para a convivência com o semiárido: o lugar das mulheres. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 48-63, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

